

USOS E ABUSOS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NAS ESCOLAS*

Solange Múglia WECHSLER**

RESUMO

O propósito deste trabalho é o de questionar a maneira como a avaliação psicológica tem sido utilizada nas escolas. A fim de atingir este objetivo é apresentada, primeiramente, a formação e experiência do profissional que faz esta avaliação, ou seja, o psicólogo escolar. É demonstrado que, devido à ênfase dada à área clínica durante a graduação em psicologia, o profissional que vai trabalhar na escola está geralmente despreparado para compreender o indivíduo dentro do ambiente educacional. Desta maneira, o psicólogo vai utilizar os testes psicológicos de maneira clínica, como sendo a única maneira de explicar os problemas de aprendizagem. São sugeridas maneiras de se combinar avaliações quantitativas com qualitativas, utilizando as contribuições da ciência da psicologia e da educação, a fim de melhor compreender os problemas de aprendizagem e contribuir de maneira mais eficaz para a sua resolução.

1 – INTRODUÇÃO

Antes de falarmos sobre o problema da avaliação psicológica nas escolas, devemos nos deter no profissional que faz esta avaliação, ou seja, o psicólogo escolar. Quem é este profissional? Qual é a sua formação? Qual é a sua experiência? Como percebe o seu campo de trabalho?

(*) Trabalho apresentado no II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico – 19/22 abril, 1989. Gramado, RS.

(**) Profª Universidade de Brasília.

O psicólogo escolar, tal como definido internacionalmente, é aquele profissional que trabalha para melhorar o processo ensino-aprendizagem em seu aspecto global (cognitivo, emocional e social) através de ações ou serviços oferecidos a indivíduos, grupos, famílias e organizações. A atuação deste profissional abrange uma ampla gama de serviços: orientação psico-pedagógica, aconselhamento vocacional, diagnóstico, consultoria, intervenção, reabilitação, treinamento, ensino, supervisão, encaminhamento, desenvolvimento organizacional, seleção de pessoal, desenvolvimento e avaliação de programas, prevenção e pesquisa.

Esta definição refere-se ao profissional capacitado para trabalhar na área escolar. Porém, é este o profissional que nós formamos? Qual é o embasamento teórico e técnico que propomos ensinar aos estudantes de psicologia na área escolar, na maioria das nossas universidades?

2 – FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ÁREA ESCOLAR

A formação do nosso aluno de psicologia está muito mais direcionada para a clínica do que para qualquer outra área. Isto pode ser observado pelo maior número de matérias na área clínica ou pelo conteúdo dado nas diversas matérias curriculares na maioria das nossas universidades, onde é enfatizada a doença, a anormalidade e a necessidade de terapia. Muitas vezes é totalmente esquecida a nossa realidade sócio-econômica deficitária, a necessidade de se priorizar estratégias para a prevenção e saúde mental, ou os trabalhos com grandes grupos ou comunidades. O nosso currículo de graduação em psicologia salienta o indivíduo que está sofrendo e não as condições ou variáveis que determinam este sofrimento, ou seja, os problemas e as necessidades da população brasileira, como apontado por Silva (1984).

Tais fatos podem ser percebidos claramente na Tabela 1 nos dados coletados por Gomide (1988) e selecionados para a área escolar, onde os psicólogos demonstram menos insegurança, na sua formação, em relação aos conhecimentos e estratégias que lidam com o individual do que com aquelas que lidam com o grupal, organizacional ou com a realidade sócio-econô-

mica. O seu conhecimento em testes, técnicas de entrevista ou sobre observação de comportamento visam mais à compreensão do indivíduo do que maneiras de se trabalhar com o meio deste, no caso, o ambiente escolar.

Tabela1. Avaliação da formação*: ÁREA ESCOLAR

ASPECTOS	AVALIAÇÃO (**)
Processos Psicológicos Básicos	3,39
Ética	3,21
Técnica observação	3,10
Testes psicológicos	3,10
Técnica de entrevista	3,03
Experiência pesquisa	2,17
Atitude invest. cient.	2,43
Realidade sócio-econ.	2,45
Conhec. filosófico	2,45
Prática organizacional	2,66
Conhec. metodológico	2,68

* Fonte: GOMIDE (1988)

- **1. Totalmente insuficiente
 2. Bastante insuficiente
 3. Em dúvida (se suficiente ou insuficiente)
 4. Bastante suficiente
 5. Totalmente suficiente

Na oportunidade da experiência, prática ou estágio curricular, notamos a nítida preferência pela área clínica, demonstrando que percebem o seu papel como sendo terapêutico e curativo, acima de tudo. Chegamos ao absurdo de verificar, em algumas universidades particulares brasileiras, que foi retirada totalmente a opção de estagiar na área escolar, pois sendo esta uma área de pouca procura, não podia oferecer maiores lucros para a instituição.

Como é este psicólogo que se forma desta maneira? Onde prefere e onde vai realmente trabalhar? Analisando-se a percentagem de psicólogos no seu primeiro trabalho e no trabalho atual, através dos dados a que me foi dado acesso pelo Conselho Federal de Psicologia (Vide Tabela 2), podemos perceber que a ordem de preferência de trabalho é sempre: Clínica, Organizacional e Escolar. Apesar das inúmeras deficiências na área escolar, muitos psicólogos acabam trabalhando nesta área, porém deixando-a, logo que encontram oportunidades para trabalharem na área clínica.

A queda na proporção de psicólogos que trabalham na área escolar no primeiro emprego e no emprego atual, na maioria dos estados, como percebida na Tabela 2, pode ser explicada por diferentes razões que se inter-relacionam. O psicólogo, com sua preparação clínica e quase ausência de preparo para uma atuação mais educacional, encontra inúmeras dificuldades na escola, como seria esperado. Aliada a este fato, encontramos a pouca valorização dada ao trabalho deste profissional e conseqüentemente ao baixo salário, o que leva o psicólogo a abandonar esta área e procurar a área clínica. Infelizmente, o único aumento de proporções na área escolar, observado entre o primeiro trabalho e o trabalho atual, nos estados do Nordeste, se deve a motivos políticos e não à maior valorização destes profissionais nestes locais, como apontado por Almeida (1987).

Como o psicólogo percebe o seu trabalho ou suas habilidades na área escolar? Através dos dados obtidos pelo Conselho Federal de Psicologia, analisei as percepções das dificuldades do psicólogos quanto às seguintes áreas: escolar teórica, escolar técnica, escolar prática. Os dados obtidos indicam que os psicólogos ao sul do Brasil são os que se percebem com mais dificuldades, enquanto que os psicólogos do nordeste brasileiro são os que se percebem com menos dificuldades nas áreas teórica, prática e técnica de psicologia escolar. Devemos ressaltar que estamos tratando de percepções e não da real atuação dos psicólogos nestas áreas. (vide FIGURA 1).

Tabela 2. Comparação das Percentagens de Psicólogos nas Diferentes Áreas da Psicologia: Primeiro Trabalho/Trabalho Atual*

ÁREAS	BA,SE	RS,SC	DF,GO	PR	MG,ES	RJ	SP, MS, MT	AL,CE, PB,PE, PI,MA, RN
	1T/TA	1T/TA	1T/TA	1T/TA	1T/TA	1T/TA	1T/TA	1T/TA
ESCOLAR	24 15	23 14	19 9	17 13	15 13	13 10	13 8	11 13
CLÍNICA	43 42	33 52	37 33	58 47	44 41	44 54	40 34	46 46
ORGANIZACIONAL	42 24	25 26	28 33	21 18	17 16	18 13	18 11	19 21
DOCÊNCIA	11 11	6 18	19 13	21 17	5 12	7 13	9 9	10 13
PESQUISA	4 3	2 5	4 4	3 2	3 2	2 1	2 3	2 1
COMUNITÁRIA	8 5	4 4	8 4	4 4	6 7	3 2	6 3	3 5

N = BA,SE (135), RS SC (211), DF,GO (74), PR (150), MG,ES (249), RJ (501), SP,MS, MT (853), AL, CE,PB, PE,PI,MA,RN (226) **

Dados cedidos pelo Conselho Federal de Psicologia

*Cada psicólogo pode trabalhar em mais de uma área.

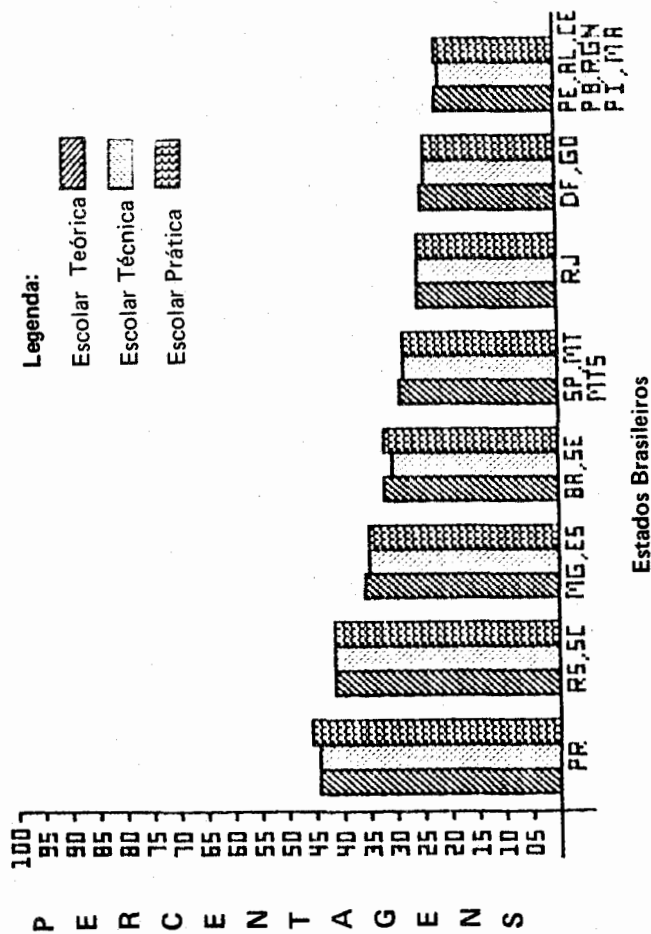


Figura 01. Dificuldades Percebidas pelos Psicólogos nas Diferentes Áreas da Psicologia Escolar (Dados cedidos pelo Conselho Federal de Psicologia).

Como os psicólogos tentam superar os déficits da sua formação? Quais os caminhos que ele procura para melhorar a sua atuação na área de psicologia escolar? Tentei averiguar, em um primeiro momento, a proporção de psicólogos que tinham realizado cursos de especialização ou pós-graduação em áreas relacionadas com a psicologia escolar, educacional ou da aprendizagem. Percebi, entretanto, pelo grande número de profissionais que se diziam doutores em psicologia escolar, que pouco conheciam sobre a progressão acadêmica e que se acreditavam doutores tendo se graduado em psicologia.

Analisei, portanto, os cursos de extensão realizados após a graduação, que se relacionavam com as possibilidades da prática nas escolas. Os dados da Tabela 3 nos indicam que 43% dos psicólogos, dentre a amostra pesquisada de 2.399 psicólogos, buscam cursos sobre psicodiagnóstico ou testes para se aperfeiçoarem. Cursos sobre psicologia escolar, de uma maneira geral, são mencionados por 22,5% dos psicólogos, seguidos por psicocomunicativa (20,3%), psicologia do excepcional (14,4%) e dinâmica de grupo (10,3%). Cursos de extensão com mais baixa frequência (menos 1%) são aqueles relacionados com dificuldades de aprendizagem, psicologia piagetiana, método Montessori, educação sexual, criatividade e distúrbios neurológicos. É importante ressaltar, entretanto, que não podemos aqui distinguir se estes cursos são pouco mencionados porque não existe oferta nestes assuntos, ou se são áreas de pouco interesse para os psicólogos.

Os dados acima descritos comprovam a nossa experiência de quais são as técnicas ou estratégias mais valorizadas pelos psicólogos nas escolas. Podemos claramente observar que a aplicação de testes, no sentido de entender o indivíduo e atendê-lo terapeuticamente, é o que prevalece nas escolas. A questão, a ser colocada, que trataremos agora, é a seguinte: Será este um problema do instrumento em si, ou será este um problema de quem utiliza o instrumento?

3 – A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NAS ESCOLAS

A questão da avaliação psicológica nas escolas deve ser abordada, primeiramente, sobre o prisma da adequação dos instrumentos utilizados para a realidade brasileira. Se os instrumentos a serem empregados não forem padronizados ou validados para a nossa cultura, o primeiro passo a ser discutido é a necessidade de pesquisa sobre os instrumentos para avaliação psicológica.

Tabela 3. Percentagens de cursos de extensão realizados após a graduação e relacionados com a psicologia escolar*

ÁREAS	N = 2,399 %
Psicodiagnóstico/Testes	43,0
Psicologia Escolar (geral)	22,5
Psicomotricidade	20,3
Psicologia do Excepcional	14,4
Dinâmica de Grupo	10,3
Psicopedagogia	7,5
Análise Didática	6,7
Desenvolvimento Infantil/Adolescência	5,4
Orientação Vocacional	4,7
Estimulação Precoce	4,4
Aconselhamento Psicológico	4,4
Educação Especial	4,4
Psicologia Preventiva	3,2
Observação/Mudança de Comportamento	2,8
Reeducação Psico-pedagógicas	1,9
Psicodrama pedagógico	1,2
Psicologia Gognitiva	1,2
Orientação Familiar	1,0
Dificuldade de Aprendizagem	0,9
Psicologia Piagentiana	0,8
Método Montessori	0,7
Educação Sexual	0,7
Criatividade	0,2
Distúrbios Neurológicos	0,2

*Dados cedidos pelo Conselho Federal de Psicologia

Como a questão da pesquisa sobre as qualidades psicométricas de um instrumento já foram discutidas por diversos autores, passamos ao segundo passo, considerando que o primeiro já foi dado e priorizado. A pergunta que se propõe é a seguinte: Como o instrumento de avaliação psicológica é utilizado e como poderia ser utilizado?

O instrumento psicológico é utilizado de maneira única e inquestionável, considerando que este possui todas e as melhores respostas sobre o funcionamento do indivíduo, ou seja, que somente ele poderá explicar porque uma criança está apresentando dificuldades de aprendizagem.

Vemos, nesse aspecto, a questão das dificuldades de aprendizagem sempre colocadas como sendo um problema exclusivamente causado pelo aluno. O relacionamento com o professor, a metodologia do ensino utilizada, ou as deficiências institucionais quase nunca são compreendidas ou analisadas no sentido de se entender as dificuldades da aprendizagem, em seu aspecto mais global. Chegamos ao ponto de perceber que, na maioria das vezes, o psicólogo trabalha para uma escola sem nunca a visitar ou observar o aluno indicado como "problema", na sua dinâmica na sala de aula, ou nos relacionamentos dentro da instituição.

Neste tipo de trabalho, o psicólogo coloca toda a potência do seu trabalho no instrumento psicológico, sem perceber que, muitas vezes, a realidade da escola vai questionar ou até anular os dados obtidos através destes instrumentos. A relatividade de informação obtida através dos testes psicológicos é, infelizmente, pouco conhecida pela maioria dos psicólogos que os utilizam. Esta tem sido a preocupação e uma linha de atuação que a Comissão Nacional de Testes formada pelo Conselho Federal de Psicologia (e da qual eu faço parte) pretende trabalhar junto aos profissionais.

A super-valorização dos testes psicológicos pelos profissionais se faz sentir também na comunidade escolar, que lhes atribui poderes mágicos. No nosso trabalho junto às Secretarias que coordenam os trabalhos de psicólogos para a rede pública escolar, no sentido de propor uma avaliação mais crítica ou pesquisas sobre as limitações dos instrumentos utilizados pelos psicólogos, temos nos deparado com a seguinte

resposta: Não nos importamos com pesquisas ou avaliações. Queremos que todos os alunos com problemas passem pelo psicodiagnóstico, não importa como.

Mais grave talvez, do que o pouco conhecimento sobre os instrumentos utilizados, é o uso que se faz dos seus resultados, em forma de laudos clínicos. Estes nada acrescentam ou sugerem para o professor em como melhorar o seu relacionamento com o aluno ou sua metodologia de ensino, no sentido de favorecer um melhor aprendizado.

Na maioria dos casos, a avaliação psicológica só vai ser utilizada para uma proposta de terapia com as crianças. O mais alarmante é observar que, com a pobreza existente na rede pública escolar, os psicólogos ainda acreditem que devem priorizar o atendimento de um número reduzido de crianças, através da psicoterapia, enquanto que na maior parte das escolas não existe nenhum atendimento dirigido à saúde mental dos alunos ou de seus professores.

4 – DEVE A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NAS ESCOLAS SER ABOLIDA, LIMITADA OU MELHORADA?

Ao responder a esta questão, devemos nos remeter ao velho dilema de pesquisa qualitativa x quantitativa. Será que a quantificação atrapalha a qualificação ou vice-versa? Será que ambas estratégias podem ser combinadas, seqüenciadas ou paralelas?

Na visão científica sobre o conhecimento obtido em psicologia, até os dias de hoje, cada vez mais chegamos à conclusão de que o ser humano é um fenômeno complexo e que deve ser estudado e compreendido sob diversos ângulos. Cada vez mais nos deparamos com o fato de que nossas teorias e estratégias só podem explicar uma pequena parte da realidade que pesquisamos, e que qualquer radicalização, sob qualquer ponto de vista teórico, perderá a visão do conjunto. O que devemos, portanto, é tentar combinar o que já possuímos ou alcançamos no terreno de psicologia para que possamos obter, de uma maneira mais ampla, a compreensão das relações do ser humano com o ambiente.

Em relação ao nosso tema, que é o uso da avaliação psicológica nas escolas, acreditamos, da mesma maneira, que a quantificação não deve impedir a qualificação e sim serem combinadas para podermos contribuir cada vez mais para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Ressaltamos anteriormente, entretanto, que a quantificação da maneira que tem sido feita pelos profissionais mal preparados para entender as limitações e o alcance dos testes psicológicos, na realidade do aluno inserido no ambiente escolar não pode continuar a ser feita assim. Remetemo-nos à questão importantíssima que é a de como formar melhor o psicólogo que trabalhará nas escolas.

Qual deve ser a linha de ação mestra para formar os psicólogos que atuarão na área escolar? O que se deve priorizar como condições mínimas para a sua atuação nas escolas? Acreditamos que o mais importante, na formação de todos os psicólogos, é a atitude científica de questionar e avaliar a sua atuação dentro do âmbito de trabalho escolhido.

Em relação à atuação nas escolas, o psicólogo deverá saber quando avaliar, quantitativamente, é necessário e como trabalhar com esses dados de maneira qualitativa, com a equipe escolar, para reduzir as dificuldades de aprendizagem. O psicólogo deverá também questionar até que ponto os seus julgamentos, ou os da equipe escolar, totalmente subjetivos ou qualitativos, deverão passar pelo crivo do rigor metodológico da precisão e validade de uma avaliação psicológica. A proposta aqui levantada, é a de que a avaliação psicológica passe então a ser usada de maneira criteriosa nas escolas, deixando de ser regra geral no trabalho do psicólogo.

Devemos enfatizar, além de tudo, a grande necessidade que o psicólogo tem de aprender a trabalhar ou interagir com outros profissionais ou com equipes multi-disciplinares. Devido à grande interface que a psicologia escolar possui com a educação, muito temos que aprender com as ações desenvolvidas pelos orientadores educacionais, professores, ou mesmo com os sociólogos de educação. É somente através do trabalho integrado, avaliador, questionador e utilizando o máximo de conhecimentos que a psicologia e a educação puderam nos trazer até o momento, que poderemos contribuir, de maneira

eficaz, para a redução das dificuldades do processo de ensino-aprendizagem.

5 – CONCLUSÕES

Este trabalho visou alertar sobre a super-valorização dos testes psicológicos nas escolas e indicar sua utilização, de maneira mais adequada, quando combinados com outras metodologias. Analisamos também o porquê da conduta mais clínica do psicólogo escolar, baseando-nos nas deficiências da sua formação acadêmica.

Devemos ressaltar, entretanto, que o que apresentamos não pode ser generalizado para todos os psicólogos escolares do país e nem para todos os cursos universitários de psicologia.

Muitos estados vêm questionando a formação e atuação dos psicólogos nas escolas, como por exemplo: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. Nestes estados, tem existido uma preocupação cada vez maior, de procurar uma atuação mais educacional e preventiva dirigida para a saúde mental da população escolar.

Os esforços da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, recentemente fundada no Distrito Federal, também tem como objetivo a melhoria da formação e atuação do psicólogo que trabalha para a rede escolar pública e particular.

Acreditamos que em muitos outros estados vêm sendo realizados esforços no sentido da melhoria da atuação do psicólogo escolar. Infelizmente, a ausência de publicações nesta área nos faz limitar a nossa análise, em uma perspectiva nacional, sobre a real atuação e direcionamentos da psicologia escolar brasileira.

ABSTRACT

Uses and abuses of psychological assessment in the schools

This study questions the way psychological assessment has been used in the Brazilian schools. The first

question raised is related to the professional who does psychological evaluation in the schools, that is, the school psychologist. As psychologists receive their degree at the undergraduate level, it is analyzed the curriculum content of the undergraduate schools, and concluded it is geared to clinic psychology. Psychologists, who end up working in the schools, are not prepared to understand the individual in his educational environment. Psychological assessment is used under a clinical focus and considered to be the only way to explain the learning problems. Considerations are made on how to combine quantitative with qualitative data, in order to have a most comprehensive view of learning and do a better contribution for reducing learning difficulties.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. V. F. (1987). Estudo descritivo do psicólogo escolar **Resumo da XVII Reunião Anual de Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**. p. 161.
- BASTOS, A. V. B. (1988). Áreas de atuação em questão. O nosso modelo profissional. Em: **Quem é o psicólogo brasileiro?** Conselho Federal de Psicologia. Edicon. cap. 10.
- GOMIDE, P. I. C. (1988). A formação acadêmica: onde residem suas deficiências: Em: **Quem é o psicólogo brasileiro?** Conselho Federal de Psicologia. Edicon. cap. 4.
- SILVA, V. L. M. (1984). A percepção do trabalho do psicólogo clínico. Em **Depoimentos dos estudantes de psicologia**. Tese de mestrado PUC – Campinas.